CSR | CIÊNCIAS SOCIAIS EM REVISTA

Uma defesa do liberalismo e as vantagens e desafios de se viver o modo de vida liberal

Resenha de Lefebvre, A. (2024). Liberalism as a way of life. Princeton: Princeton University Press.

A defense of liberalism and the advantages and challenges of living the liberal way of life

Book review of Lefebvre, A. (2024). Liberalism as a way of life. Princeton: Princeton University Press.

Una defensa del liberalismo y las ventajas y desafíos de vivir de acuerdo con el modo de vida liberal.

Reseña de Lefebvre, A. (2024). Liberalism as a way of life. Princeton: Princeton University Press.

Julia MOURA

juliasmoura@gmail.com

Universidade Federal do Paraná (UFPR).

O objetivo da resenha é apresentar o livro ***Liberalism as a Way of Life*** *(2024) de Alexandre Lefebvre. Neste texto o autor efetua uma defesa do liberalismo de modo original e surpreendente, pois seu objetivo central é demonstrar de que modo o liberalismo em democracias liberais não mais se restringe à cultura pública, mas transbordou para a forma como vivemos. Além de descrever tal contexto, Lefebvre busca, também, mostrar as vantagens desta forma de vida e a importância de seu cultivo para a manutenção do mesmo. Destaca-se, porém, que o autor enfatiza que há uma corrupção dos elementos de liberalismo que caracterizam o mundo atual, com ideais como a meritocracia, racismo e capitalismo, que nos mostram que não vivemos no âmbito do liberalismo e sim de modos híbridos que o autor caracteriza de* ***Liberadom.*** *O*

DOI: https://doi.org/10.34024/csr.2025.61.3.21047

caminho percorrido por Lefebvre tem como referenciais teóricos dois teóricos contemporâneos: John Rawls e Pierre Hadot. Em relação a Rawls, Lefebvre se insere como herdeiro e crítico dos principais elementos do projeto teórico rawlsiano ao articular com originalidade e de modo surpreendente algumas das principais ideias da ***Justiça como Equidade*** *como exercícios espirituais no ideal de uma forma de vida, ideia inspirada em Hadot. Trata-se de livro que consegue, como poucos, articular densidade teórica argumentativa com uma leitura clara e envolvente.*

Palavras-Chave: Liberalismo; John Rawls; Pierre Hadot.

The purpose of this review is to present Alexandre Lefebvre's book ***Liberalism as a Way of Life*** *(2024). In this text, the author defends liberalism in an original and surprising way, as his main objective is to demonstrate how liberalism in liberal democracies is no longer restricted to public culture, but has become part of the way we live. In addition to describing this context, Lefebvre also seeks to show the advantages of this way of life and the importance of cultivating it in order to maintain it. It should be noted, however, that the author emphasizes that there is a corruption of the elements of liberalism that characterize the current world, with ideals such as meritocracy, racism, and capitalism, which show us that we do not live in the realm of liberalism, but rather in hybrid modes that the author characterizes as Liberadom. Lefebvre's path has two contemporary theorists as theoretical references: John Rawls and Pierre Hadot. From Rawls, Lefebvre can be seen as heir and critic of the main elements of the Rawlsian theoretical project by articulating with originality and in a surprising way some of the main ideas of Justice as Fairness as spiritual exercises in the ideal of a way of life, an idea inspired by Hadot. This is a book that, like few others, manages to articulate theoretical density with a clear and engaging style of writing.*

Keywords: Liberalism; John Rawls; Pierre Hadot.

El objetivo de la reseña es presentar el libro ***Liberalism as a Way of Life*** *(2024) de Alexandre Lefebvre. En este texto, el autor realiza una defensa del liberalismo de manera original y sorprendente, pues su objetivo central es demostrar cómo el liberalismo en las democracias liberales ya no se restringe a la cultura pública, sino que ha desbordado hacia la forma en que vivimos. Además de describir este contexto, Lefebvre busca también mostrar las ventajas de este modo de vida y la importancia de su cultivo para su mantenimiento. Cabe destacar, sin embargo, que el autor subraya la existencia de una corrupción de los elementos del liberalismo que caracterizan el mundo actual, con ideales como la meritocracia, el racismo y el capitalismo, los cuales nos muestran que no vivimos plenamente en el ámbito del liberalismo, sino en formas híbridas que el autor denomina* ***Liberadom****. El recorrido de Lefebvre tiene como referentes teóricos a dos pensadores contemporáneos: John Rawls y Pierre Hadot. En relación con Rawls, Lefebvre se presenta como heredero y crítico de los principales elementos del proyecto teórico rawlsiano al articular, con originalidad y de manera sorprendente, algunas de las ideas centrales de la* ***Justicia como equidad*** *como ejercicios espirituales dentro del ideal de una forma de vida, una noción inspirada en Hadot. Se trata de un libro que logra, como pocos, articular densidad teórica y argumentativa con una lectura clara y envolvente.*

Palabras clave: Liberalismo; John Rawls; Pierre Hadot.

O livro *Liberalism as a Way of Life* (2024), de Alexandre Lefebvre, tem um objetivo declarado em suas primeiras páginas: trata-se de uma defesa não só do liberalismo, mas do liberalismo como uma forma de vida que vale a pena ser vivida e cultivada. Sua tese será desenvolvida através da especificação do que é liberalismo hoje, dos seus princípios e ideais – e esta última parte considero a mais interessante e inovadora – da tentativa de demonstrar como o liberalismo estrutura a nossa ideia de nós mesmos. O motivo para esta defesa: oferecer uma forma de vida integrada e proeminente que está disponível hoje (2024, p. 07).

No primeiro capítulo, "A água em que nadamos", Lefebvre resgata a famosa conferência do escritor David Foster[1] Wallace para ilustrar a concepção de liberalismo que irá sustentar ao longo do livro. Como se sabe, na palestra em questão, Wallace resgata uma piada-parábola: há dois peixes jovens nadando na água e encontram um peixe mais antigo que pergunta para eles como está água, mas os dois peixes continuam nadando. Depois de um tempo, param e perguntam um para o outro: "O que é água?". A metáfora da água guiará a defesa do liberalismo pretendida pelo autor que coloca os atuais críticos do liberalismo como os "peixes antigos" e seus defensores como os "peixes jovens" (2024, p. 11). Neste sentido, é provável que leitores desta resenha já percebam que, querendo ou não, provavelmente já estão inseridos na metáfora, como peixes antigos (críticos do liberalismo) ou peixes jovens (seus defensores).

O que constitui o liberalismo? Peixes "jovens" afirmarão: direitos individuais, liberdades civis, democracia, constituições. De fato, estes são, segundo o autor, elementos que constituem o liberalismo, mas não são o próprio. Retomando a metáfora da água, estes elementos descrevem os corais, a vida marítima, mas não descrevem a própria água (o liberalismo). Já os críticos do liberalismo, "os peixes antigos", percebem que estes elementos são secundários ao liberalismo. O essencial para eles é que o liberalismo é uma visão de mundo e um sistema de valores. Lefebvre situa-se entre estas duas perspectivas. Considera que a crítica que entende o liberalismo como a água (peixes antigos) assume a perspectiva correta do liberalismo (ainda que discorde da conclusão destes sobre a forma precária de vida que decorre dela). Neste sentido, tal alinhamento de escopo distancia Lefebvre de concepções do liberalismo baseadas em direitos ou de uma doutrina política. Logo, a sua proposta é sobre um tópico político, mas que se situa melhor na esfera da ética, pois trata, fundamentalmente, do bem viver

[1] O ensaio "*This is Water*", de David Foster Wallace, deriva de um discurso de formatura proferido em 2005 no Kenyon College.

e, mais do que isso, se conecta com uma literatura de autoajuda (2024, p. 13). A forma como se conecta é por entender o liberalismo em um escopo abrangente que "pode ser a base de uma concepção de mundo pessoal, uma forma de viver e uma orientação espiritual". Neste sentido a "boa vida" (entre outras) seria a forma de vida liberal (2024, p. 13).

O argumento proposto é descritivo e normativo. Descritivo por ter como tarefa demonstrar para as pessoas (pelo menos em democracias liberais) que elas já são liberais em um sentido robusto (2024, p. 17). É normativo por considerar que esta é a forma boa de vida (não superior, evidentemente, pois afirmar isto seria antiliberal). No entanto, a conclusão de que nadamos em "águas liberais", para manter a metáfora, não nos deve fazer sentir que agora basta continuar nadando. De tal modo, há um desdobramento que o autor denomina de espiritual, pois se trata de defender que uma forma de vida liberal não decorre de se viver ou de se ter sido socializado em democracias liberais e sim de se compreender que viver esta forma de vida é demandante e exige cultivo pelos indivíduos.

Lefebvre apresenta, assim, um dos trabalhos mais originais e, certamente, surpreendentes do atual estado da arte sobre o liberalismo. Original pois conecta com robustez teórica o pensamento de dois autores que pertencem a tradições e áreas diferentes da filosofia em um livro que costura referências *pop* e experiências pessoais do autor; surpreendente por sustentar seu argumento em uma interpretação não ortodoxa mas muito atualizada das novas leituras do pensamento rawlsiano[2].

Para situar o liberalismo, dado a polissemia do termo, Lefebvre apresenta os autores que inspiraram seu livro: John Rawls (1922-2002) e Pierre Hadot (1922-2010). Sobre Rawls, Lefebvre se posiciona não como alguém que fará mais uma tese sobre notas de rodapé ainda não exploradas de *Uma Teoria de Justiça* (TJ), mas sim através de uma interpretação "não ortodoxa" (2024, p. 23) que situa Rawls como o filósofo moral, isto é, alguém que sistematizou as tendências existentes da sociedade, bem como a autocompreensão de seus membros, e assim consegue guiá-los para direções promissoras (2024, p. 23).

O objetivo não é exegético. Pode-se afirmar mesmo que é um convite para um autorreconhecimento de nós mesmos nas páginas de TJ. Este reconhecimento, identificado pelo elemento central da teoria, é a ideia de que *a sociedade deve ser concebida e estruturada como um sistema equitativo*

[2] Neste sentido, percebe-se a apropriação da tese de Paul Weithman do livro *Why Political Liberalism* (2011) que influenciou discussões contemporâneas de razão pública, além da temática da reciprocidade como elementos de seu livro que refletem em maior ou menor medida alguns dos caminhos recentes da literatura na área.

de cooperação. Esta, segundo Lefebvre, é a ideia fundacional de TJ, mas não se trata de uma invenção ou de uma dedução de seus princípios. A sugestão de Lefebvre é a de que cidadãos de democracias liberais se reconhecem nesta formulação (ou, pelo menos, a sustentam publicamente). Neste sentido, a definição de liberalismo a partir de Rawls decorre de uma certa concepção de nós mesmos.

Há importantes desdobramentos do foco no sistema equitativo de cooperação como o núcleo central do liberalismo: o primeiro é que ajustes à sociedade são necessários para que esta se mantenha em tais termos; o segundo é que a sociedade não se mantém através de uma concepção de bem comum; e o último ponto é o que coloca a reciprocidade no núcleo dos laços sociais. Trata-se de uma compreensão de sociedade na qual as pessoas se percebem de determinada forma pois não são somente autointeressadas mas igualmente interessadas nos seus concidadãos, que buscam a sua vantagem mas também honram os termos equitativos de cooperação.

De Hadot, Lefebvre se inspira em duas ideias: a primeira é da filosofia como um comprometimento com uma determinada forma de vida, além da ideia de exercícios espirituais (o que informa a parte II do livro, na qual o autor conecta alguns dos principais conceitos de Rawls – como razão pública, posição original, equilíbrio reflexivo – com estas práticas).

Quanto a uma questão essencial, porém, Lefebvre se distancia de Rawls, isto porque o autor considera que a cultura de fundo está imersa em um transbordamento dos valores liberais, que não se restringem apenas à cultura política. Ou seja, ele amplia a ideia de cultura política liberal para os outros aspectos de nossa vida.

Dialogando de modo mais próximo com os liberais contemporâneos, mais especificamente com a tradição rawlsiana (isto é, reconhecendo que sociedades contemporâneas liberais são constituídas pelo pluralismo e que a ideia de que estados democráticos contemporâneos não devem favorecer determinadas doutrinas – concepções de boa vida – em detrimento de outras), Lefebvre manifesta sua rejeição de um elemento desta interpretação: a ideia de que as pessoas (cidadãos) são constituídas por dois componentes: os valores políticos e suas doutrinas abrangentes. Seu argumento questiona esta concepção de pessoa e afirma que *atualmente* poucas pessoas podem afirmar concepções de uma vida boa que está fora dos valores e atitudes liberais (2024, p. 62).

Lefebvre estende o método de Rawls, levando a sério o desafio que é colocado: mostrar que os valores liberais são latentes, mas se Rawls se manteve na esfera da cultura política pública da sociedade, Lefebvre orienta-se para a cultura de fundo também (*background culture*) (2024, p. 84). Para demonstrar isso, caberá a Lefebvre, no que ele denomina do "coração" do livro, demonstrar de que modo o liberalismo nos forma.

Os capítulos 5 e 6 formam, assim, o coração da tese de Lefebvre. É neles que a argumentação se move entre a teoria, a cultura *pop* anglófona — que

o autor considera parte da "cultura de fundo" — e uma reflexão sobre os desvios do liberalismo. Os exemplos escolhidos são sugestivos, mas também levantam dúvidas sobre até que ponto conseguem sustentar a ideia de que vivemos, de fato, submersos em águas liberais. O caso dos *slurs* em inglês, por exemplo, aparece como sinal de que sociedades democráticas não mais tolerariam certos insultos dirigidos a minorias. Mas talvez esse exemplo esteja cada vez mais instável, já que o debate em torno da liberdade de expressão e do discurso de ódio segue sem consenso e, em alguns contextos, tem-se acentuado, com dissensos capturados pelo contexto de polarização e divisionismo que democracias liberais têm enfrentado. Já outros exemplos propostos pelo autor parecem ter maior ressonância, como o repúdio público à crueldade dos tiranos. Basta lembrar Bolsonaro e suas declarações cruéis durante a pandemia — declarações que, mesmo em meio a divisões políticas, foram amplamente percebidas como nefastas. Nesse sentido, a crítica à crueldade ressoa de modo mais profundo com comunidades que ainda se veem como liberais.

Séries como *The Good Place* e shows como o do comediante David Chapelle seriam mais exemplos de como o "liberalismo" nos molda. Lefebvre ainda aponta para corrupções do liberalismo (chamadas de *liberaldom*), ilustradas pela meritocracia e pela pornografia. Seus exemplos buscam demonstrar como os valores e critérios liberais atuam no âmbito das nossas sensibilidades, não estando restritos à lei e à política (2024, p. 113). O transbordar do liberalismo, no entanto, não significa que vivemos em uma sociedade liberal. Ao contrário, seu diagnóstico é o de que vivemos no mundo do *Liberaldom* (traçando um paralelo com a ideia de *Christiandom do Kierkegaard*), neste sentido, ideais liberais são apropriados por outras doutrinas e forças iliberais.

Em seguida, no cap. 6, *Liberaldom* surge como crítica à ideia de que, mesmo imersos nas águas liberais, há grande dificuldade de se agir de acordo com o que o liberalismo demanda e, também, para expressar a corrupção do liberalismo quando o mesmo se mistura com outras ideologias ou sistemas (exemplos como capitalismo, meritocracia e racismo são citados). Trata-se de um diagnóstico que se relaciona com o objetivo do livro ao mesmo tempo em que mostra o que o livro não pretende: buscar pensar o modo de vida liberal (como viver bem) e não como "resolver" o liberalismo. Neste sentido, Lefebvre se distancia do projeto institucional e passará (Parte II) a pensar com o foco nos agentes a partir da teoria de John Rawls. Um caso citado pelo autor que vale resgatar trata dos esforços que liberais fazem para conferir vantagens aos seus filhos ao colocá-los em escolas particulares em um posicionamento que pode ser entendido como incoerente sobre o que o modo de vida liberal exigiria.

Na segunda parte do texto, Lefebvre se afasta do diagnóstico inicial — o de que vivemos no *Liberaldom* — para formular três questões centrais: em que consiste o modo de vida liberal?

por que deveríamos desejá-lo? E de que maneira podemos cultivá-lo? Para enfrentar essas perguntas, ele recorre a alguns conceitos fundamentais de John Rawls, tratando-os como verdadeiros exercícios espirituais. Nesse movimento, aproxima-se da leitura de Pierre Hadot, para quem a filosofia não é apenas teoria, mas uma forma de vida — algo capaz de envolver e transformar a totalidade da existência (2024, p. 138).

Com o objetivo de responder a estas questões, Lefebvre desenvolve a ideia de reciprocidade no âmbito pessoal como valor que nos reconcilia com os outros e com nós mesmos. Ao estabelecer esta ideia como um princípio da psicologia, ele atualiza as discussões de psicologia moral, que Rawls considera fundamentais para a discussão da estabilidade de *Uma Teoria de Justiça,* mas vai além de Rawls ao sinalizar os motivos que tornam o liberalismo uma forma de vida que vale a pena ser vivida, ainda que, de fato, vivamos no *Liberaldom* com suas corrupções.

Que estamos todos imersos nas águas liberais é a constatação que provavelmente poucos questionarão. Que devemos continuar nadando nestas águas e como nos orientar da melhor forma em suas correntes é a novidade que o livro oferece. Há muitos motivos para ler a defesa de Lefebvre do liberalismo como forma de vida: para estudiosos de John Rawls, há no livro engajamento teórico robusto em diálogo com interpretações recentes da teoria e com os achados recentes da abertura do arquivo Rawls[3]; para peixes jovens (novas correntes liberais) fica o convite para pensar o desdobramento dos principais elementos do liberalismo para além do âmbito institucional com o foco na esfera das relações intersubjetivas. Neste sentido, a análise do autor sobre a razão pública, equilíbrio reflexivo e posição original com a perspectiva da mutualidade é salutar. Trata-se de elemento pouco tematizado pela área e, talvez por isso mesmo, a reflexão liberal tenha se distanciado de discussões importantes de nosso tempo.

Para os críticos do liberalismo, o livro exemplifica e apresenta com clareza o que seria o modo de vida inteiramente liberal e estabelece argumentos intrínsecos para este modo de vida. Neste sentido, isto é, com o foco nos benefícios existenciais de se viver uma vida liberal, Lefebvre se desloca do objetivo de Rawls de modo significativo. Tal distanciamento é reconhecido por Lefebvre que lembra que, enquanto Rawls considera em sua teoria todos os cidadãos de uma sociedade, o seu texto é direcionado para aqueles que se consideram como *inteiramente liberais*, que seria o grupo de pessoas para quem o justo é equivalente ao bem, este definido como viver de acordo com os valores

[2] A abertura do arquivo pessoal de Rawls em 2004 tem sido fonte de estudos nos últimos anos que contextualizam, aprofundam dimensões pouco exploradas da teoria rawlsiana e introduzem novos debates e interpretações da teoria.

do liberalismo (liberdade e equidade). Assim, ele reposiciona os elementos para o debate crítico ao liberalismo em outras bases e também mostra que não há debate quando críticos do liberalismo colocam princípios liberais como de segunda categoria.

Aos que acompanham os debates do Liberalismo Político, fica a questão sobre o papel do "político" nesta leitura. A mesma pode ser exemplificada na análise do livro sobre razão pública – um dos exercícios espirituais – oferecida por Lefebvre. Ao lembrar que a razão pública pode tanto intensificar como apaziguar dissensos, o autor afirma que a razão pública é um meio para democracias liberais se consolidarem não *apesar,* mas *a partir* de desacordos sobre valores políticos (2024, p. 222). Resgata, para tal, a ideia rawlsiana de amizade cívica. Sua ênfase, porém, não será na análise do que se pode expressar neste âmbito e sim na capacidade de nos ouvirmos em nossos dissensos e nas vantagens (*perks*) de um modo de vida que se aproxime da ideia de viver em boa (feliz) vizinhança. Esta visão de razão pública, ainda que ilustre um modo de vida que poucas pessoas negariam ser desejável, distancia-se de debates importantes da literatura contemporânea sobre as condições da reciprocidade e a razão pública (inclusiva ou não inclusiva, isto é, a discussão substantiva sobre quais argumentos devem estar presentes neste âmbito).

Traçando um paralelo entre críticas que são feitas às concepções mais libertárias de razão pública, isto é, de que elas partem de uma concepção de sociedade apoiada por um grupo de pessoas que *individualmente* apoiam uma determinada forma de sociedade, o foco no modo de vida liberal, ainda que tenha valores relacionais, tais como equidade e reciprocidade em sua estrutura, limita-se a demonstrar que este é um modo de vida que vale a pena ser vivido para aquelas pessoas individualmente.

Importante lembrar que uma das ideias de John Rawls sobre o liberalismo político é a de uma reconciliação entre o conjunto de valores pessoais (doutrinas abrangentes) e políticos (concepções políticas); Lefebvre inverte esta leitura, com a ideia de que de uma concepção política liberal decorre uma doutrina abrangente de liberalismo, demonstrada pelo fato de que seus valores se tornam capilarizados em sociedades liberais (estão presentes na cultura de fundo).

Não fica claro, porém, se a concepção de sujeito inteiramente liberal está inflacionada pelo político (concepção política) ou deflacionada de político (contente por poder viver o modo de vida liberal) e os desdobramentos desta leitura. Neste sentido, mais poderia ser dito sobre os deveres de civilidade que decorrem deste modo de vida. De todo modo, argumentado de forma coerente com a visão defendida de que há diversão em ser livre e justo, o texto tem ritmo, referências e originalidade que poucos livros de filosofia política oferecem.

Referências

Lefebvre, A. (2024). *Liberalism as a way of life.* Princeton: Princeton University Press.

Rawls, J. (2008). *Uma teoria da justiça.* São Paulo: Martins Fontes.

Wallace, D. F. (2009). *This is Water: some thoughts, delivered on a significant occasion, about living a compassionate life.* Londres: Little, Brown and Company.

Weithman, P. (2011). *Why political liberalism?.* Oxford: Oxford University Press.

Recebido em 02/09//2025. Aprovado em 07/10/2025.

Licença CC BY-NC 4.0 (https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International - CC BY-NC 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio para fins não comerciais, desde que o trabalho original seja corretamente citado.